

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

SCHERER-WARREN, Ilse. Ilse Scherer-Warren (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 40min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Ilse Scherer-Warren
(depoimento, 2015)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Celso Castro;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro; Thais Blank;

Local: Florianópolis - SC - Brasil;

Data: 29/07/2015 a 29/07/2015

Duração: 1h 40min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “História Audiovisual das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entre dezembro de 2012 e dezembro de 2015, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet. Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Anos 1980; Brasil; Casamento; Ciências Sociais; Diretórios acadêmicos; Ditadura; Ensino superior; Ensino técnico; Física; Formação escolar; França; Governo Luiz Inácio Lula da Silva (2003 - 2010); Inglaterra; Magistério; Movimentos sociais; Obras de referência; Pontifícia Universidade Católica; Pós - graduação; Produtor rural; Rio de Janeiro (cidade); Rio Grande do Sul; Santa Catarina; Sindicalismo; Sociologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro; Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Violência;

Sumário

Entrevista: 29/07/2015 O vilarejo onde morava, a escola primaria e o gosto por livros; a escolha pelo colégio interno; a oportunidade de ir para Porto Alegre para estudar; a entrada no curso técnico de secretariado e o inicio da integração no espaço universitário; trabalho com cálculos no instituto de Física; a opção pelas Ciências Sociais; experiência no curso de Ciências Sociais durante período de ditadura militar; a proximidade com as atividades do centro acadêmico; o mestrado em Sociologia Rural; o interesse pela Sociologia do Trabalho; estudo sobre sindicalismo dos trabalhadores rurais; o doutorado em Paris; continuação dos estudos de sindicalismo do trabalhador rural; o casamento durante o doutorado; sua relação com Alain Touraine, seu orientador de doutorado; os grupos de pesquisas na França; a volta para o Brasil; a experiência como professora ouvinte no IFCS; experiências como professora na PUC Rio e na UFRRJ; as dificuldades de dar aula durante a ditadura militar; o criação da pós graduação no IFCS; a ida para Santa Catarina em 1981 e a questão da violência no Rio de Janeiro; estudos sobre movimentos de barragem; a criação do Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais; a diferença entre movimentos sociais dos anos 80 e hoje; o pós-doutorado na Inglaterra; experiências como orientadora; projetos atuais; a temática da Sociologia Rural nos dias de hoje; o estudo de movimentos sociais durante o governo Lula; o distanciamento entre Sociologia Rural e Sociologia Urbana; os novos temas da Sociologia; obras que lhe foram particularmente importantes.

Entrevista: 29/07/2015

C.C. – Bom, Ilse, em primeiro lugar, obrigado participar desse projeto dando a entrevista. A gente gostaria de começar falando da sua família de origem, sua infância, como é que foram seus primeiros anos dessa escolaridade pré-universitária ainda.

I.W. – É, é uma história bastante peculiar, porque eu nasci em um vilarejo, digamos assim, mas morava mais ainda para o interior, longe ainda do vilarejo. Hoje é um local da grande Porto Alegre, mas naquela época era uma distância enorme de Porto Alegre. Só tinha trem e eram seis horas de trem, daqueles Maria Fumaça, para ir de onde eu morava até Porto Alegre. Além disso, onde eu morava só havia escola primária.

C.C. – Qual era o nome da localidade?

I.W. – Portão. Hoje é um município da grande Porto Alegre, não é? E só tinha escola primária naquela época. Eu nasci em 1944, não é? Então, quando eu ia começar a escola... Mas eu, desde muito pequena, eu gostava muito de livro, porque não sei nem como dizer. O meu pai era um pequeno agricultor, mas ele tinha uma certa liderança política no local. A minha mãe também era uma certa referência mais no setor da Igreja e ele na política mesmo, política de partido.

C.C. – Qual partido?

I.W. – Partido Libertador, inicialmente, e depois Partido Democrático Cristão. Ele até foi candidato a vereador, ficou na suplência. Devia ter assumido, mas ele estava meio doente e não quis assumir.

C.C. – Sua mãe era da Igreja Católica?

I.W. – Isso, Igreja Católica.

C.C. – Mas a sua origem familiar é de onde?

I.W. – Os dois são descendentes de alemães.

C.C. – De que região?

I.W. – Sul da Alemanha. Perderam contato total, porque eram já terceira geração. Eu acho que sou a terceira geração, não sei muito bem essa coisa. Não havia mais contato. E até em casa falava alemão, às vezes, com alguns vizinhos etc. Eu já nasci durante a guerra, então não aprendi, lamentavelmente, não aprendi mais alemão, mas conseguia entender alguma coisa.

C.C. – Eram quantos filhos?

I.W. – Dez filhos, mas uma faleceu logo de nenenzinha. Então, ficaram nove irmãos: sete homens e duas mulheres. Nesse sentido, havia livros na minha casa. Eu ainda me lembro bem do armário cheio de livros que eu costumava colocar tudo para fora e começar a examinar o que me interessava ler. Além disso, meu pai tinha assinatura de um jornal, *O Dia*, e eu me interessei logo muito pelo jornal. Inclusive, quando eu já sabia ler, foi na escola primária – que eu adorava – e comecei a ler e buscava ler sempre a segunda página, que tinha artigos mais na área de Filosofia, Ciências Humanas. O Alceu Amoroso Lima escrevia ali todo dia, e eu lia isso aí. Mas daí eu não sei bem com que idade, mas nesse período da escola primária... Daí eu fui, no quinto ano da escola primária, eu fui para um colégio interno lá próximo, porque eu queria ir mesmo, minha melhor amiga estava lá e meus pais deixaram ir durante um ano para esse colégio interno. Mas o meu maior desejo era continuar estudando, mas não era uma coisa comum lá as pessoas continuarem estudando depois do quinto ano primário, porque não tinha escola. As escolas mais próximas eram em São Leopoldo, que já era um caminho bastante longo e Porto Alegre, como eu disse, seis horas de viagem. Não era hábito, também, filhos de agricultores estudarem além da escola primária. Mas o meu irmão, que é bem próximo de mim, que foi o único que também foi para a academia que nem eu, porque os outros todos ficaram, mais ou menos, nessa situação de escola primária, ele, quando ele tinha uns dez anos, antes, ele queria estudar para padre. Então, era a única exceção que havia: foi estudar para padre e queria ir para o colégio. Ele foi, ficou dois anos e desistiu, porque não tinha vocação para padre. Daí ele já estava na escola secundária, ginásio daquela vez, e meu pai concordou que ele estudasse além da escola primária. Hoje ele é um físico, foi um físico bastante reconhecido no

Rio Grande do Sul. E eu acho que foi um pouco o que ajudou abrir um caminho, mas foi um caminho que custou a abrir, inclusive. Porque quando eu voltei desse ano no colégio interno, que isso era o máximo que eu poderia almejar naquele momento, ficar um ano, quem sabe, estudando fora, eu tive que fazer o que todas as mulheres lá faziam: ajudar nos trabalhos da casa e ponto final. Mas eu nunca desisti de estudar. E todo o momento livre que eu tinha, eu pegava os poucos livros que eu tinha – naquela altura, alguns que o meu irmão trazia de fora também – e lia o jornal e brincava de dar aula com personagens imaginários, porque eu não tinha com quem brincar de dar aula. Então eu não podia brincar com ninguém. Eu tinha duas irmãs mais moças, o meu irmão era sete anos mais velho e eu não tinha muito com quem brincar. Então eu criava personagens imaginários, passava lições, corrigia, uma coisa meio doida mesmo [risos], mas era como eu fazia. E somente aos dezessete anos, aquela minha mesma amiga que conseguiu abrir a porta do internato, para eu ficar um ano no internato, que eu queria fazer isso até, ela estava na casa de uma família parente em Porto Alegre e estava estudando. E ela conseguiu de um outro parente dessa mesma família, para que eu ficasse. Eu ajudava nas tarefas domésticas durante o meio dia e meio dia... Eu entrei em um curso de preparação, eu acho, Artigo 99, que se chamava aquela vez – que era um exame, um pouco igual ao Enem hoje, mas não era para a universidade, era um exame para você pular etapas...

C.C. – Para completar o segundo grau, você diz?

I.W. – No caso era o primeiro, o ginásio. Daí eu fui, fiquei nessa família e em um ano eu completei o ginásio. Fiz os exames, passei em todos, etc. Daí eu já estava em Porto Alegre com essa família e eu arrumei... – acho que nessa família não tinha mais razão para eu ficar – e arrumei... O meu irmão, que já estudava Física lá, que era um pouquinho mais velho do que eu, ele arrumou, dentro da universidade... Ele cantava em um coral onde a soprano era bastante famosa lá, Inê Camargo, que cantava nesse coral e que queria uma pessoa para acompanhá-la (porque ela saía muito à noite, o marido não tinha condições), à noite ou ficasse com as crianças e etc. E falando com ela o meu irmão disse: “Ah, quem sabe a minha irmã não vem para cá?”. E eu fiquei... Foi um momento muito importante, porque foi aonde eu conheci teatro, eu conheci óperas. Um mundo um pouco diversificado do meu mundo original. Daí eu fiquei na casa dela e já tinha passado, então, o ginásio. Continuei estudando de forma autônoma para passar o exame do segundo grau, mas ao mesmo tempo entrei no curso “Técnico de

secretariado”, que era terceiro grau também, que funcionava junto à Universidade de Economia, em Porto Alegre. Então, já comecei a me entregar ao espaço universitário. Daí fiquei aí nesse curso até o segundo ano, mas fiz os exames do clássico e passei. Quando estava no segundo ano desse curso, passei nos exames do clássico. Imediatamente já fiz o vestibular. Bom, em três anos eu consegui passar lá do interior para a universidade e de forma, quase assim, exclusiva da universidade. Porque depois eu saí da casa da Inê Camargo também e fui trabalhar no Instituto de Física da universidade, fazendo cálculos nas maquininhas. Não era nada dos cálculos de hoje em dia, mas eu fazia, mas era muito orientada, era muito parte do funcionamento da máquina. Porque eu não sabia nada de Física, não é? Mas o pessoal do [Inaudível] fazia as suas pesquisas, tinha que passar para alguém que fizesse os cálculos. Então me ensinaram como fazia os cálculos naquela máquina e eu fazia. Eu trabalhei lá, pelo menos, também não sei se foi um ou dois anos. Eu acho que foram dois anos até eu entrar na universidade.

C.C. – Agora, você foi a segunda pessoa da família a fazer faculdade, não é? A primeira mulher também.

I.W. – Exato.

C.C. – Para a sua família isso era novidade. Eles tinham uma boa relação com essa nova fase da sua vida ou não, achavam que devia voltar, casar, cuidar de casa?

I.W. – Não, depois que eu fui não houve mais questionamento. Até porque eu fui de tanto incomodá-los a respeito do que eu queria fazer na minha vida era estudar, entende? Eu queria e eu acho que eu dava demonstração todos os dias, porque qualquer tempinho livre que eu tinha eu estava lá nos livros. Então, foi absolutamente... Tanto do meu irmão que foi físico e o meu caso também, foi completamente aceito depois. Não houve contestação nenhuma que eu deveria voltar ou não continuar. Eu fui, ntão, tinha sido tudo encaminhado nesse sentido.

C.C. – E por que a opção pelas Ciências Sociais?

I.W. – Pois é. É interessante. Eu acho que era um pouco, também, já uma espécie de vocação desde pequena. Porque nessas minhas leituras que eu fazia desde lá da escola primária, como eu disse, eu já tinha um interesse de ler coisas da Filosofia, da Psicologia. Então, eu comecei a pensar o que eu queria estudar. Já de muito pequena, quando eu voltei e tive aqueles anos sem estudar ou estudando só individualmente em casa, eu comecei a me interessar por esse tipo de leitura, principalmente. Então, eu pensava: “Será que eu quero fazer Filosofia?” – que eram as coisas que eu conseguia imaginar, nem sabia que existia Sociologia nessas alturas – “Será que é Filosofia ou será que é Psicologia, Psicanálise, Psiquiatria?”. Então tudo, assim, muito nesse campo social. Até que esse meu irmão, que estudava Física, sabia desse meu dilema de encontrar o curso que eu gostaria de fazer, me trouxe um manual de Sociologia. Eu comecei a ler o manual de Sociologia e quanto mais eu lia: “É isso aqui. É isso aqui que eu quero”. E a partir do manual de Sociologia eu realmente fiquei muito interessada na Sociologia. Por outro lado, Sociologia era uma coisa que ninguém sabia o que era no meio social. Então eu comecei a pensar: “Quem sabe não faço Jornalismo? Porque com Jornalismo eu posso escrever também, posso desenvolver essas ideias que estou conhecendo aqui”. Dentro do Jornalismo há um espaço para isso, porque até no jornal que eu lia eu via que havia um espaço. Então fiquei muito em dúvida o tempo todo até, mais ou menos, fazer a escolha mesmo, se eu estudaria Sociologia ou Jornalismo. E o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul era o mesmo vestibular para Jornalismo e para Ciências Sociais, naquela época. Naquela época era o mesmo vestibular. Aí eu pensei assim: “Não, então eu vou fazer vestibular para Ciências Sociais e depois, se eu quiser ser uma jornalista, eu vou ter a base de Ciências Sociais, que eu acho que vai me ajudar”. E daí fiz para Ciências Sociais e não saí mais das Ciências Sociais.

C.C. – Você fez o vestibular no final de 64?

I.W. – Isso. Entrei em 65.

C.C. – De 65 a 68, não é?

I.W. – Isso, isso.

C.C. – Bom, tinha tido o golpe de 64. Isso afetava o curso?

I.W. – Sim.

C.C. – Você viveu isso ou não? Você tinha alguma atuação política?

I.W. – Sim. Vivi bastante. Tive colegas, inclusive, que foram colocadas na prisão e que sofreram todo tipo, que a gente sabe, de repressão. Pelo menos uma colega, que eu me lembro bem... Mas a gente, dentro do curso, era uma turma grande e uma turma bastante interessante. Eu acho que isso, inclusive, foi algo interessante na minha trajetória também. Porque as vagas para Sociologia, na Universidade, eram 30. Mas, por alguma razão, naquele ano, eles resolveram admitir 42 pessoas, porque eu acho que tinham saído tão bem todas no vestibular, que eles ampliaram as vagas. Tinha grupos que.... Eu lembro, assim, que quase no todo, a gente se interessava bastante pela política. Teve alguns professores de Ciência Política que, digamos assim, naquela época eram mais à esquerda do que à direita, que seja lá. Eu sei que 65 já começaram as manifestações de rua dos estudantes. Então, foi um período... Apesar que algumas pessoas foram presas e tudo, mas era ainda um período relativamente de menor repressão, digamos assim. Porque depois de 68, realmente, a coisa ficou muito difícil. Então de menor repressão e a gente ia à rua fazer manifestações. Eu estava muito ligada ao Centro Acadêmico, nunca participei de uma organização política maior de esquerda, nunca participei diretamente, mas eu estava vinculada e bastante próxima sempre das atividades do Centro Acadêmico, que era um Centro Acadêmico que contestava bastante toda a questão da Ditadura. Você conhece a universidade lá, não é? A gente ficava bem no centrinho do que hoje é a antiga reitoria ali. Inclusive, estive lá na semana passada e lembrei muito daqueles momentos, porque as Ciências Sociais ficavam bem no centrinho desse campus da Universidade e a partir dali que saíam as manifestações de rua, normalmente, naquele momento. Se organizavam e saíam. Justamente dali a gente ia para o centro da cidade. Claro, já havia alguma repressão policial e muitas vezes a gente teve que correr e se esconder da polícia, cavalaria. Eu acho que o ato mais assim, que me tocou, nessa resistência, digamos, a essa Ditadura, foi quando o interventor tomou... O restaurante universitário, havia uma coordenação dos alunos, e em um determinado momento, que eu acho que deve ter sido quase no final do meu curso, não tenho bem certeza – até tem uma tese sobre isso, mas não consegui localizar, alguém fez uma tese sobre isso – então a reitoria nomeou um interventor para retirar os alunos da coordenação do refeitório. E esses

alunos, apoiados por outros, inclusive por mim, foram lá e tomaram a força o refeitório e ficaram durante... Inclusive, à noite, todo mundo ficou, inclusive eu também fiquei lá, etc, mas a gente sabia que a cavalaria viria ao nosso encontro e tentaria nos retirar de lá. Então, eu sei que a gente passou a noite e de madrugada, veio a cavalaria e nos deu um ultimato: ou a gente saía e entregava, ou eles não responderiam pela nossa integridade física, que a gente sabia bem o que seria aquilo: poderia ter mortes, outras coisas, prisões, etc. Então, a gente fez lá uma reuniãozinha lá – reuniãozona, porque tinha bastante estudante lá dentro – discutiu e votou. E votamos por sair, inclusive eu. Daí saímos igual cordeirinhos, seguidos pela cavalaria, que nos dispersou. Então esse ato foi um que... Porque eu já tinha, até aquele momento, participado de muitas manifestações, mas essa me tocou bastante.

C.C. – Bom, 68 foi um ano de contestação estudantil no mundo inteiro. Bastante movimentações no Rio, São Paulo e isso também chegava em Porto Alegre. Mas terminou com o AI-5, não é? E o final do seu curso também.

I.W. – Pois é.

C.C. – Aí a diferença foi sensível?

I.W. – Daí foi. Mas justamente foi no final do curso. Então eu acho que esse foi o ato do restaurante. Eu acho que foi, talvez, em 68, eu não tive oportunidade de tentar...

C.C. – AI-5 é 13 de dezembro.

I.W. – Ah?

C.C. – AI-5 é 13 de dezembro de 68.

I.W. – Não, mas eu digo que o ato, eu acho, foi antes. É, porque foi durante o ano letivo, não é? Eu acho que foi início de 68, não tenho bem certeza disso aí. Daí depois disso... Porque justamente em 68, 69 eu vou para o mestrado.

C.C. – Você entra direto da graduação para o mestrado em Sociologia Rural? O nome já, do mestrado.

I.W. – Isso.

C.C. – Lá na UFRGS mesmo, não é?

I.W. – Isso.

C.C. – Bom, como foi o mestrado nesse contexto de 69 a 71?

I.W. – É, porque aí tem uma história um pouco anterior, se eu posso voltar um pouquinho atrás.

C.C. – Claro.

I.W. – Na graduação, a gente teve, pela primeira vez... Teria que fazer para ter o diploma de graduação, não me lembro se havia uma diferença, acho que havia uma diferença entre Licenciatura e Bacharelado. Para o Bacharelado nós tínhamos que fazer uma pesquisa e uma monografia. Isso foi a primeira vez que foi feito na universidade. Depois não sei como teve continuidade ou não, isso. Eu escolhi fazer uma monografia sobre a mobilidade social de diferentes formados em universidades, pegando os cursos mais tradicionais como Engenharia, Medicina e também os menos tradicionais como Ciências Sociais, etc. E eu entrevistei um grupo de formados há alguns anos, daí eu não me lembro até quando, eu acho que... – não tenho nem cópia desse texto mais [risos]. Mas era uma monografia, umas 50 páginas, 60, alguma coisa assim. Eu peguei um orientador muito bom.

C.C. – Quem era o orientador?

I.W. – O João Guilherme. Então, eu sei que eu peguei esse orientador que exigiu muito do meu trabalho e isso já me abriu um pouco, digamos assim, uma janela para Sociologia do Trabalho, inicialmente. Então, sindicalismo tem um pouco a ver com essa Sociologia do Trabalho também. Mas me abriu uma janela para Sociologia do Trabalho. Tanque, nesse momento de

opção, digamos assim, a minha tendência era ir mais para a Sociologia do Trabalho. Mas aí a oportunidade que surgiu foi fazer depois o mestrado em Sociologia Rural e eu optei por fazer um estudo sobre associativismo patronal e sindicalizado dos trabalhadores, fazendo um pouco o confronto entre esses dois tipos de associativismo: um da elite do campo e o outro com dos trabalhadores, pequenos agricultores e trabalhadores mais autônomos do campo, mas pequenos proprietários, que foi quem criou o sindicalismo rural.

C.C. – E no mestrado, que tipo de pesquisa você fez?

I.W. – Pois é. Daí a gente tinha um mestrado que tinha uma tendência bem diferente da que eu estava tentando seguir na graduação. Porque naquela época todo mundo estudava muito o marxismo. Estudavam os clássicos da Sociologia, aliás. A gente estudava muito os clássicos da Sociologia: Weber, Durkheim, Marx, Parsons. Mas havia uma tendência, já dentro do curso de graduação, de a gente tentar estudar novos enfoques, digamos assim, do marxismo, com Marcuse e outros pesquisadores que já liam... Sartre, etc., que tinham uma base no marxismo, mas que abriam outras janelas também, não é? Então, quando eu fui para esse curso, que era um curso que vinha mais da tradição da Sociologia Americana... Eu sei que a gente se sentia um pouco isolada dentro do curso também, mas era bom para autonomia também, porque o curso abria bastante para autonomia. E por quê? Por que eu escolhi o sindicalismo? Um pouco porque era nessa área da Sociologia do Trabalho e um pouco porque era uma oportunidade que surgiu. Eu tinha algumas colegas, inclusive, da graduação que eram minhas colegas lá no mestrado. Anita Brumer, por exemplo, foi uma das minhas colegas lá. Então, eu sei que a gente teve essa oportunidade. Oportunidade que eu acho que foi construída pelo grupo, também, conjuntamente, isso eu não me lembro de todos os detalhes, de fazer um trabalho de campo sobre a questão do sindicalismo no campo. Fazer um trabalho de campo. E justamente porque esse curso, é baseado na Sociologia Americana, estimulava muito o trabalho de campo e a pesquisa de campo empírica e foi uma oportunidade para nós fazer essa pesquisa empírica. Daí a gente foi de fato a campo... Deixa eu ver a ordem das coisas. [risos] Eu não sei bem aqui... Porque eu incluí, além desse trabalho de campo, uma pesquisa histórica sobre associativismo patronal, mas eu acho que isso eu fiz depois do trabalho de campo, porque é onde apareceu também um pouco a questão do associativismo patronal. Mas a gente, de fato, estava focando no novo sindicalismo no campo, que estava correndo naquele momento. Então a gente fez, foi

à campo, ficou lá um bom tempo, etc. No campo mesmo, a gente foi em grupo e eu fui desse grupo, e fizemos essa pesquisa com os agricultores associados ao sindicalismo do trabalhador rural. Mas, ao mesmo tempo, eu me interessei por fazer um estudo um pouco histórico sobre toda a questão do associativismo no Rio Grande do Sul, então eu fui fazer uma pesquisa documental na biblioteca pública de Porto Alegre. Eu acho que passei um mês, pelo menos, ou mais, *full time*, pesquisando nessa biblioteca pública, documentos de toda trajetória do associativismo patronal no Rio Grande do Sul. Eu sei que no fim eu fiquei com problema de alergia respiratória por causa dos documentos muito velhos deixados lá. [risos] E fiz todo esse levantamento do associativismo patronal. Então, a minha tese, de fato, se dividiu em duas partes: uma sobre essa parte mais histórica, e depois como surge o sindicalismo do trabalhador rural, com pesquisa empírica. A gente tinha também oportunidade de trabalhar um pouco a pesquisa empírica lá, até porque tinha professores que davam metodologia, trabalhavam nesse campo, e pela primeira vez a gente estava usando o computador para fazer os trabalhos que a gente precisava de organização dos dados. O computador da Universidade, o que era o computador da Universidade? É onde hoje, não sei se você conhece bem a Universidade lá, está a Engenharia. O prédio da Engenharia era uma sala do tamanho de todo esse andar aqui com um computador que ocupava tudo aquilo. Tinha hora para ocupar o computador: das dez horas da noite às seis da manhã. Então, a gente passava a noite lá processando os dados da pesquisa. Foi uma experiência bem interessante de qualquer maneira. O mundo muda.

C.C. – Você trabalhava durante o mestrado ou dedicou-se só aos estudos?

I.W. – Bom, depois de trabalhar no Instituto de Física que eu falei, que foi no final da escola secundária e início da graduação. Eu trabalhei no Instituto e depois eu fui para a Secretaria do Trabalho. Fiz um concurso e fui para a Secretaria, já no início da graduação. Secretaria do Trabalho do Rio Grande do Sul. Nessa Secretaria do Trabalho, meio [esquecido] porque eles não me colocaram para trabalhar muito não, porque como eu fazia universidade eu tinha licença para ir às aulas, etc. Trabalhava. Um trabalho mais de organização de dados, coisas desse tipo. Não marcou muito a minha trajetória apesar de ser a Secretaria do Trabalho, que tinha muito a ver com a minha vocação.

C.C. – Mas te dava um salário?

I.W. – Dava um salário. Em toda a graduação eu tive esse salário que ajudou bastante, porque eu tinha licença para sair na hora da aula e complementava depois em outro horário. Um trabalho que não me exigia muito. Daí quando eu fiz a seleção para o mestrado eu ganhei bolsa e daí eu passei a não precisar trabalhar, foi *full time* o mestrado. Fiz em dois anos: 68 e 60 e...

C.C. – 69 e 70?

I.W. – 69 e 70. Defendi bem no início de 71. Fevereiro, eu acho. Ainda em fevereiro, antes do final do mês, eu viajei para a Europa.

C.C. – E aí foi fazer o doutorado em Paris?

I.W. – Fui fazer meu doutorado em Paris.

C.C. – Foi direto já do mestrado para lá?

I.W. – Não, fui para Londres primeiro.

C.C. – Ah, Londres?

I.W. – É, porque quando eu entrei na graduação – algumas passagens a gente lembra muito bem – eu estava toda pintada, porque eles pintavam a gente tudo, colocavam um chapéu especial e não sei o quê. Como calouro, não é? Eu fui e disse: “Não, eu tenho que estudar francês agora”. Nem sei porque eu tinha que estudar francês e não inglês, não é? [riso] Eu disse: “Eu vou lá Cultura...”. Mas eu não tinha muito dinheiro não, eu ganhava um salariozinho, porque já estava na Secretaria do Trabalho: “Vou lá na Aliança Francesa ver o que consigo”. Eu fui lá, cheguei toda pintada, toda caloura e eles me deram uma bolsa, por incrível que pareça. [risos] Eu queria ver como era, o que eu poderia pagar e o que eu não poderia, e eles me deram uma bolsa. Tanto que eu fiz até o quinto ano, eu acho, de francês lá com bolsa. Então, uma das razões de eu escolher a França... Uma era a própria, digamos, o que eu conhecia mais da

Sociologia da França; tinha referências e tal. Até do Touraine, que eu tinha lido alguma coisa dele ainda na graduação, mas ele não era tão conhecido.

C.C. – Mas veio a ser seu orientador.

I.W. – Isso. Veio a ser meu orientador. Então a língua eu dominava muito melhor. O inglês eu falava muito pouquinho. Mas eu fui para a Inglaterra primeiro, porque era início do ano e eu iria poder entrar em qualquer curso só lá para setembro, tinha que fazer os contatos antes. Então eu fui primeiro para a Itália até para estudar um pouco de inglês...

C.C. – Itália não, Inglaterra.

I.W. – Inglaterra. Desculpa. Fui para Inglaterra para estudar um pouco de inglês mesmo. Daí, quando eu cheguei na Inglaterra, eu cheguei a contatar alguns cursos, o *London School of Economics* e mais algumas outras universidades, que eu passei muito rápido. Mas essa eu não consegui me localizar... Falava muito mal o inglês e não consegui me localizar muito bem como eu poderia abordar para fazer uma pós-graduação de doutorado na Inglaterra e eu já tinha o contato na França. Na França, eu já tinha feito, a partir do Brasil, o contato com a Sociologia do Trabalho na França na Sorbonne. Ainda a minha tendência era essa: sindicalismo, Sociologia do Trabalho, etc. Eu estava estudando inglês na Inglaterra, mas fui viajar um pouco pela Europa também para conhecer um pouco e fui uma visita à Paris para fazer um primeiro contato na Sorbonne com a Sociologia do Trabalho. Eu fiquei um pouco desiludida, porque eles custaram a achar a minha solicitação lá: “Ih, isso não vai render muito”. Daí, eu conheci um brasileiro lá e disse: “Por que você procura Alain Touraine?”. Eu disse: “Ah, mas será?”. Eu já sabia que Alain Touraine era um pouquinho mais difícil. “Não, mas vá procurar”. Daí, eu fui procurar Alain Touraine. Não falei com ele, falei com a secretária e ela disse: “Vai ter que marcar uma entrevista com ele”. Eu disse o que eu queria, que eu queria fazer um doutorado e ela disse: “Então, você faz um projeto, traz e eu vou marcar uma entrevista”. Marcou para dois meses depois a entrevista. Daí eu resolvi desistir. Não tentei mais a Sociologia do Trabalho e tentei investir em fazer um projeto que era uma continuidade do estudo que eu estava fazendo. Porque como eu usei muito do meu tempo com o associativismo patronal, eu usei só muito parcialmente os dados do sindicalismo rural daquela pesquisa e eu tinha montanhas de dados

que poderiam ser analisados. Então eu tinha uma pesquisa pronta. Então, eu resolvi: “Não, agora eu vou fazer um trabalho só sobre sindicalismo do trabalhador rural”. E fiz um projeto escrito em francês, porque em francês eu conseguia escrever já, e fui encontrar o Touraine dois meses depois. Levei também a minha dissertação debaixo do braço, junto com o projeto [risos]. Mostrei a minha dissertação. E ele viu que tinha bastante trabalho que eu tinha feito em pouco tempo. Ele até disse uma coisa um pouco... que também não esqueci: “Vocês, latino americanos, vêm aqui, fazem o projeto, acabam não concluindo. Mas estou vendo que você trabalhou bastante em pouco tempo aqui, eu vou lhe aceitar”. [risos] E me aceitou como orientanda. E eu tinha saído do Brasil, também, com uma promessa de uma bolsa de estudo da Fundação de Pesquisa do Rio Grande do Sul, que eu procurei também antes de viajar dizendo que eu tinha a intenção de... Eles disseram: “Ah, se você tiver uma matrícula de doutorado lá na Europa a gente lhe dá uma bolsa”. Uma bolsa não muito boa, viu? Eu não sei se já existia a Capes naquela época, já existia, mas a bolsa era um pouquinho inferior, mas dava para sobreviver. Então, foi assim. Daí eu já tinha bolsa e ainda consegui morar na Casa do Brasil lá.

C.C. – Na Casa do Brasil? Você não tinha outros conhecidos morando lá?

I.W. – Não, na França, não. Na França não tinha nada. Na Inglaterra já tinha, quando eu fui para a França já tinha. Eu tinha o meu namorado, que depois eu me casei durante o curso.

C.C. – O seu namorado estava em Paris?

I.W. – Não.

C.C. – Estava em Londres.

I.W. – Em Londres. Ele é inglês. Que é quem está comigo até hoje.

C.C. – Ele é inglês?

I.W. – Inglês.

C.C. – E como você conheceu ele?

I.W. – Ah, na noite, não é? [risos] Como todo mundo [fez].

C.C. – Mas lá na Inglaterra?

I.W. – Na Inglaterra. Em uma festa. Coincidências, não é? Em uma festa em uma casa...

C.C. – Ele foi para Paris?

I.W. – Não. Quando estava lá, a gente ficou indo e vindo. Ele ia para Paris de vez em quando e eu voltava para a Londres de vez em quando.

C.C. – E ele fazia o quê?

I.W. – Ele fazia treinamento em computação em uma companhia, o que para mim foi muito bom, inclusive, depois quando eu fui fazer meu trabalho de doutorado. Porque ele, à noite, em outro horário, ele conseguiu...

C.C. – Processava todos os seus dados?

I.W. – Processou todos os meus dados. [risos] Porque tinha um posto importante, que era treinador nessa área. Ele conseguia uma horinha no computador lá. Mas depois que ele veio para o Brasil parou de trabalhar com computador e foi ser professor de inglês.

C.C. – Mas o doutorado você fez em tempo muito curto?

I.W. – Também, também.

C.C. – Já tinha pronto o material da pesquisa sobre sindicalismo rural.

I.W. – Isso. Um pouquinho menos de três anos até. Um tempo bem limite. Apesar de que as pós-graduações na Europa são um pouquinho mais rápidas do que as nossas brasileiras. São um pouquinho mais rápidas não para todos, mas para muitos são. Elas possibilitam ser um pouco mais... Elas criam a possibilidade de você fazer um pouquinho mais rápido.

C.C. – O Touraine acompanhava a pesquisa ou era aquele esquema que só via uma vez, quando aceitava e outra na defesa? Que às vezes, tinha uma distância muito grande na França entre o professor e o...

I.W. – Isso. Era muito interessante porque ele logo em seguida colocava a gente sob sub-orientação, digamos, de algumas pessoas. É claro, ele atendia mais esporadicamente. Mas eu fiz cursos com ele, fiz dois até, porque, ao mesmo tempo, que eu estava fazendo... O meu diploma foi do Nanterre, mas as aulas eram dadas na *École Pratique des Hautes Études*, Escola Prática de Altos Estudos. Algumas defesas eram feitas na Sorbonne e outras na Nanterre. No meu caso eu estava registrada na Nanterre. Mas, ao mesmo tempo, ele designava alguns dos professores que trabalhavam com ele – às vezes professores, às vezes ainda em final de formação – para orientar determinados grupos de trabalhos. Ele dava essa disciplina tanto na *École Pratique* como em um outro instituto também: Desenvolvimentos sociais... – agora, para dizer exatamente o nome do instituto, só verificando – e ele deu também uma disciplina lá. E eu fiz as duas disciplinas, além de ter a sub-orientação... Inclusive, a Aspásia era uma das pessoas que estava trabalhando já com o grupo de trabalho e auxiliava ele às vezes. Mas eu trabalhei diretamente... Mais indiretamente com a Aspásia, também.

C.C. – Estava também trabalhando com a questão agrária, não? Quer dizer, no Congresso como foram os projetos de reforma agrária e tal.

I.W. – Isso. Ela trabalhava isso.

C.C. – Ela escreveu aquele capítulo para *História da Civilização Brasileira*, não é?

I.W. – Isso. E Aspásia, inclusive, dava uma orientação, também, nesse instituto de desenvolvimento, ela dava uma orientação para um grupo, que era um grupo mais geral e que

eu participei também. Eu participei de vários grupos, assim, diferentes, que trabalhavam, que eram de pessoas que subsidiavam o curso de Touraine. Então, eu trabalhei em vários desses grupos, o que ajudava muito. Agora, de fato, ele depois... Leu meu projeto, eu acho que eu tive uma vez com ele durante a elaboração da tese e eu acho que depois ele fez a leitura final da tese. Daí sim, ele discutiu tudo comigo tudo bem discutido. Inclusive, naquela época, ainda a questão da computação era bem mais primária, e ele deixou que eu fizesse todas as cópias da minha tese. Eu fiquei um período ali fazendo dentro da *Maison de L'Homme*, que tinha todo um equipamento lá. Que hoje seria super tradicional para fazer cópias, não é? [risos] Eu passei uma semana fazendo as cópias da minha tese. Mas ele abriu muitos caminhos para mim. De fato, ele foi uma pessoa muito acolhedora, para mim. Eu achei ele muito acolhedor. Não tenho nada... E ele tinha todo um sistema onde tinha o apoio de várias pessoas que auxiliavam a tocar o trabalho. Esse foi uma das razões, eu acho, que eu consegui fazer a tese em tempo bastante curto. Trabalhei em tempo integral, não é?

C.C. – Você assistia outros cursos ou palestras?

I.W. – Sim.

C.C. – Alguma coisa que te marcou? Porque essa é uma época muito animada culturalmente, não é?

I.W. – Isso. É, o Castels eu já trabalhava com ele. Eu não fiz, como aluna regular, o curso de Castels, mas eu ia em muitas das aulas mais para complementar. Eu fiz vários cursos lá e também frequentava, muitas vezes, apenas interessada em alguns outros cursos que estavam sendo oferecidos. Touraine tinha uma posição um pouco diferenciada já no encaminhamento na questão dos movimentos sociais, porque já construindo a teoria dele. Inclusive, na época que eu estava lá, ele construiu, talvez, um dos alicerces da teoria dele que era *La production de la société*? Alguma coisa assim, acho que esse era o título do... Isso eu teria que rever de novo o título, mas eu acho que *La production de la société*, que foi um dos alicerces da teoria dos movimentos sociais dele. E o que ele fazia? Ele estava escrevendo esse livro e ele trazia os capítulos do livro, fazia uma apresentação e depois discutia na sala de aula cada capítulo do livro dele. E a gente aprofundava depois com alguns desses auxiliares que trabalhavam com

ele, a gente aprofundava o debate sobre a questão dos movimentos sociais. Mas claro, tinha vários... Althusser estava muito na moda naquela época. Então eu fui em alguma aula do Althusser também, mas que era um pouco um confronto... O Althusser com uma tendência bem mais marxista ortodoxa, e o Touraine aproveitando alguma coisa do marxismo, mas tentando abrir um novo caminho de interpretação, não é? Tentando criar a sua própria teoria.

C.C. – Você se considerava marxista?

I.W. – Graduação, mestrado e até entrando no doutorado eu me considerava marxista. Agora, dentro do doutorado eu acho que eu já abri uma janela para... Mas também antes, porque antes a gente também já se interessava por Marcuse, por Sartre, vários outros autores que também já abriam um pouco a janela.

C.C. – Estruturalismo também estava muito forte nessa época, não é? O próprio Althusser faz um marxismo muito afetado pelo estruturalismo.

I.W. – Isso. Poulantzas era muito citado também naquela época.

C.C. – Foucault eu não sei se nessa época já era um personagem...

I.W. – Foucault um pouco também. Mas o Touraine tinha algumas, com todos esses autores, tinha algumas diferenças, que ele gostava de mostrar essas diferenças. Ele tinha diferenças com todos esses autores, mas, ao mesmo tempo, o Touraine tinha uma coisa muito interessante. Porque eu acho que a minha tese de doutorado está muito influenciada ainda pelo marxismo, mas ele nunca tentou obrigar você a fazer uma coisa na linha que ele pensava. Então, ele respeitava muito também essas diferenças que eu acho que foi algo, assim, bastante importante. Então eu acho que eu ainda era bastante marxista na tese de doutorado, mas Touraine não contestou isso nem nada e foi tudo muito tranquilo.

C.C. – Terminando o doutorado, a volta ao Brasil, qual era a sua perspectiva?

I.W. – Pois é. Eu até tinha uma possibilidade de voltar para o Rio Grande do Sul, mas eu acho que um pouco em relação à questão também das possibilidades para o Bob, meu marido, que era inglês, a gente achou que o Rio de Janeiro seria mais adequado. E eu fiz alguns contatos antes de chegar ao Brasil. Naquele momento eu já tinha alguns conhecidos no Rio de Janeiro, porque o meu irmão casou com uma moça no Rio de Janeiro, então tinha a família dela que nos deu apoio também. Isso tudo também ajudou um pouco. Então, a gente foi para o Rio de Janeiro. Eu não tinha ainda fixo ainda em termos de trabalho, mas eu tinha feito um contato com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, IFCS, onde eu trabalhei, e tinha feito um contato também com a Cândido Mendes, com a graduação da Cândido, naquele momento, voltando, eu fiz com a graduação. Até se abriu uma possibilidade de eu trabalhar na Cândido Mendes, mas eu tinha que dar muitas aulas e eu nunca tinha dado *aula*.

C.C. – Isso na Cândido mesmo e não no Iuperj? O Iuperj já existia, não é?

I.W. – Já existia, mas bem no início, mas foi na Cândido Mendes mesmo, que eu tinha feito. Porque o Iuperj, naquelas alturas, estava ainda muito iniciante. Tinha feito toda uma formação corrida, não me sentiria tranquila de entrar direto em uma pós-graduação. Daí eu fiz, mas acabei sendo, inicialmente, contratada como professora, que se chamava professora ouvinte, que era não com contrato definitivo e formal, mas com contrato provisório – eu acho que era professora ouvinte que se chamava. Na Federal do Rio de Janeiro, doze horas trabalho, etc. Fui buscar outras... Daí, a Cândido Mendes eu descartei, porque tinha que dar muita aula e eu achei que estava iniciando, não queria dar tanta aula. Daí eu fui para a PUC. Primeiro semestre eu só dei no IFCS lá. No segundo semestre fui procurar a PUC, fui aceita como professora lá. Dei um período lá, algum tempo. Mas depois veio uma proposta para, já em uma situação um *pouquinho* melhor, contratada como adjunto na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. O campus era lá fora, lá em Seropédica. Mas eu podia ir uma vez por semana só e ainda de carona, que eu consegui uma carona, aos sábados. Eu ia lá, passava o sábado todo lá, dava as aulas. Concentrava nos sábados. Então eu dei por um tempo, mas não muito grande, acho que por um ano. E daí larguei a PUC, porque era muito... Daí na Federal, nessas alturas, na Federal do Rio de Janeiro eu já estava com contrato de mais horas. Depois fiz concurso, na trajetória, para assistente e depois fiz concurso, ainda antes de sair, para...

C.C. – Adjunto.

I.W. – É. Eu saí como adjunto. Daí depois, quando eu fiz, estava mais estável no IFCS, eu deixei a Rural. Nessas alturas já tinha filhos pequenos, era muito complicado. Mas fiquei sete anos no IFCS e tive que fazer um certo ajuste lá nesse tempo de trabalho no IFCS, porque, como você deve saber bem, muitos professores saíram do IFCS e foram exilados, alguns morreram, inclusive, nesse processo de repressão; inclusive o Darcy Ribeiro, não é? Depois voltou. Um pouco antes de eu sair de lá, ele voltou. Eu era coordenadora da pós-graduação, daí recebi Darcy Ribeiro lá. Mas também ficou pouco tempo lá, aí foi para a política. Mas era um momento muito difícil no IFCS, porque eu vinha com toda uma literatura para trabalhar dos movimentos sociais e só a palavra “movimentos sociais” já provocava risinho dos estudantes na aula, porque eu estava falando de um tema proibido. Não que reprovavam, mas é que era uma coisa complicada: falar de classe, de movimentos sociais, isso tudo era marxismo e era literatura proibida. Então, foi bastante difícil. Daí, junto com Maria Luiza Proença e Alzira de Abreu, que agora é colega de vocês, não é?

C.C. – É. Alzira dava aula na UFRJ e já estava... No Cpdoc ela foi logo em 76 ou 77.

I.W. – É. Trabalhou um pouco junto sobre os clássicos da Sociologia Daí entrava Marx até.

C.C. – Foi minha professora de Sociologia I, entrava Durkheim e Marx. Mas eu entrei no IFCS em 81, quando você saiu. A aula inaugural de 81 foi Darcy Ribeiro que deu, ele tinha acabado de voltar.

I.W. – Eu tinha acabado de sair. [risos]

C.C. – Você estava saindo e eu estava entrando.

I.W. – Por isso que a gente não se encontrou. Interessante. [risos]

C.C. – Em 81 fui aluno da Alzira, dava aula... O Jether estava se aposentando e eu fiz o último curso do Jether Ramalho. E tinha uma série de professores novas chegando: Rosilene, José Ricardo Ramalho...

I.W. – Mas esses já foram meus colegas.

C.C. – A Yvonne Maggie.

I.W. – A Yvonne já estava há mais tempo.

C.C. – Mas era a geração mais nova. Tinha as pessoas mais antigas. De Sociologia eu me lembro muito da Alzira. Bom, tinha de Ciência Política o Aluísio, Ferraz, Roque.

I.W. – A Stella também.

C.C. – A Stella não peguei. De Antropologia tinha a Vanusa, se não me engano, Vanússia, uma antiga, [Inaudível] Mas, assim, eu me lembro que essas pessoas mais jovens, a Rosilene, o José Ricardo, a Yvonne, atraíam mais porque eles faziam pesquisa. Tinha professores que não faziam pesquisa, que era o grupo antigo.

I.W. – Com esse grupo eu trabalhei muito, mas mais com Maria Luiza e Alzira, porque tinham trabalhado em pesquisa já antes de todo esse problema da Ditadura. Tinham trabalhado, inclusive, com Darcy Ribeiro. Então, elas tinham uma experiência de pesquisa. Mas como não dava para a gente trabalhar, naquele momento, com questões... A gente tinha medo. Eu vou dizer. Eu, inclusive, fui ameaçada algumas vezes, até porque as pessoas usavam para ameaçar quando queriam fazer pressão política contra você: “Você aí que é marxista, que é não sei o quê”. E a gente ficava com muito medo.

C.C. – Quando eu entrei ainda tinha boatos, não sei se era verdade, em 81, de que tinham alunos que eram infiltrados da polícia, na verdade, e ficavam lá assistindo...

I.W. – Não sei se tinham ou não, mas que usavam ameaças, usavam. Daí o que que a gente fez? Mais como a Maria Luiza, a Alzira já estava no Cpdoc e não tinha muito tempo, mas mais com a Maria Luiza, a gente foi estudar os clássicos. A nossa ideia era até fazer um livro com trecho desses clássicos em cima da questão da objetividade, do sujeito e... Tinha mais uma questão... Objetividade, sujeito... Não sei mais, não lembro todos os detalhes dessa pesquisa. Bom, daí eu sei que a gente estava trabalhando, mas no fim, o que a gente, de fato, publicou foi um estudo geral sobre isso me uma revista, eu e Maria Luiza só. A Alzira já estava muito envolvida no outro trabalho, não participou. Mas o livro acabou não saindo até porque aquela vez era bem difícil produzir um livro. Hoje é tudo tão mais fácil. A gente naquelas maquinhas, não sei o quê, então tinha que fazer 500.000 vezes, corrigir, não sei mais o quê, cada vez tinha que começar tudo do zero de novo. Era tudo muito difícil. Então, eu sei que nesse período... Daí, depois, quando eu já estava mais ou menos na metade – foram sete anos que eu fiquei lá – que a gente começou a pensar em um curso de aperfeiçoamento. Então justamente com esse grupo: com a Yvonne, com a Maria Luiza e com a Rosilene, eu acho, e outras pessoas que a gente fez um grupinho para construir um curso de aperfeiçoamento, primeiro. Eu fazia parte desse grupo e acabei sendo escolhida para coordenar o primeiro curso de aperfeiçoamento que teve lá. Em seguida, a gente partiu para um mestrado. Daí, eu fui a primeira coordenadora do mestrado também.

C.C. – Bem hoje é um programa nota sete: Sociologia e Antropologia, não é?

I.W. – Fico feliz de saber.

C.C. – Política ficou de fora.

I.W. – É. Sociologia e Antropologia.

C.C. – Mas criou esse mestrado em Ciências Sociais, que era o nome. E você foi a primeira coordenadora ainda... Você saiu em 81?

[FINAL DO ARQUIVO 1]

I.W. - Tinha um outro grupo de professores mais antigos que, para escolher a coordenação, competiu com esse grupo mais novo. Mas, de fato, quem tinha feito toda a programação era esse grupo mais novo que eu participava. Daí, no momento, disseram também que lançariam meu nome e eu disse: “Aceito isso”. E de fato foi colocado em disputa esse grupo mais antigo e esse grupo mais novo. Não absolutamente, como eu disse, porque tinha algumas pessoas que estavam apoiando, como a Maria Luiza e a Alzira que também estavam apoiando esse grupo, mas porque elas tinham também uma tradição de pesquisa com o Darcy Ribeiro e com outros. E tinham uma tradição e pesquisa também...

C.C. – A criação do mestrado em Ciências Sociais, no Rio na época havia...

I.W. – O Iuperj, não é?

C.C. – O Iuperj, em Sociologia e Política, muito forte, e o Museu Nacional em Antropologia. A UERJ não me lembro se tinha...

I.W. – Eu acho que não tinha nenhum ainda.

C.C. – Nem a PUC também, que foi mais tardiamente. Vocês acharam que havia espaço para criar?

I.W. – Muito. Havia espaço naquele momento, naquele momento havia espaço.

C.C. – Um mestrado em Ciências Sociais, que se chamava, não é?

I.W. – É porque a base do curso na maioria dos lugares no Brasil era Sociologia e Antropologia. A Ciência Política veio com força depois, muito mais tarde. A Ciência Política não era uma área forte nos cursos de Ciências Sociais. Depois que a Ciência Política foi se estabilizando, digamos, com professores que vieram com doutorado no exterior e abriu um novo campo.

C.C. – Mas não no Ifcs?

I.W. – Não no Ifcs.

C.C. – Porque o Ifcs acabou não fazendo parte do programa depois de Sociologia e Antropologia.

I.W. – Eu digo em geral no Brasil, mas no Ifcs não. Acabou ficando...

C.C. – Acabou descredenciado, ele foi fechado.

I.W. – Quem?

C.C. – O mestrado em ciência política que tinha no Ifcs.

I.W. – Chegou a ter um?

C.C. – Foi agora há alguns anos, teve nota dois e foi fechado.

I.W. – Foi fechado. É, no Ifcs não, mas em outros lugares do Brasil, sim. No caso de Florianópolis a gente juntou também a Sociologia, a Antropologia quis fazer uma pós-graduação separada e a gente juntou a Sociologia e a Ciência Política.

C.C. – E a vinda para Santa Catarina em 81? Por que essa mudança?

I.W. – Pois é, por quê? Para falar a verdade eu acho que estaria ainda no Rio de Janeiro hoje, mas foi muito mais pela questão da violência no Rio e um pouco certas experiências que a gente teve no Rio. Pessoalmente nada, mas assim de assassinato no edifício que a gente morava e coisa desse tipo. Essa violência um pouco penetrando na própria vida sem ter nunca, de fato, ter penetrado diretamente. Mas, inclusive, o Bob meu esposo, que é inglês, acostumado com uma sociedade bem mais estabilizada, bem mais, começou a se sentir muito inseguro e eu disse: “Vamos tentar, então, ir para outro lugar”.

C.C. – Em 81, porque depois ainda piorou muito. Década de 80 no Rio foi...

I.W. – Piorou muito?

C.C. – Muito pior.

I.W. – Mas agora também piorou aqui em Florianópolis. [risos]

C.C. – Mas demorou.

I.W. – Demorou, demorou um pouco.

C.C. – Mas não era nenhum problema no Ifcs não? Você não estava querendo mudar a sua...?

I.W. – Não, exatamente por causa do Ifcs eu teria ficado, eu acho. Porque eu tinha algumas... Você vê: eu saí de lá quando eu tinha completado os dois anos de pós-graduação. Eu tinha, então, criado uma série...

C.C. – Estava num momento de renovação também, de entrar gente para trabalhar.

I.W. – Isso. E esse grupo, digamos assim, talvez mais ativo, eu fazia parte desse grupo, dessas pessoas que nós citamos aí. Eu fazia parte desse grupo e me sentia bem, entende? Estava começando a abertura política também. Estava começando, então, finalmente... Você vê: Darcy Ribeiro volta, apesar de ter ficado bem pouco tempo lá, mas a gente o recebe com uma homenagem bem grande a ele, etc. Então era um momento de abertura política. Em relação à universidade, eu acho que eu, pessoalmente, se não fosse a questão de uma certa insegurança e daí nessa insegurança, a gente com filho pequeno –eu já tinha dois pequenos que nasceram no Rio de Janeiro, depois nasceu mais um aqui –, mas dois filhos pequenos com uma estrutura mais complicada, um pouco, de trabalho também. E parecia que no Rio de Janeiro em si, como cidade, deixava a desejar. Então Florianópolis tinha uma pós-graduação muito recente e eu conhecia algumas pessoas que conheciam a pós-graduação aqui e disseram: “Porque vocês não vão para Florianópolis?”. E daí é interessante, porque aquela vez em que você está na posição de coordenador de pós-graduação, você tem um acesso muito direto ao pró-reitor, que era tudo muito novo. E eu tinha um acesso direto com o pró-reitor lá, porque eu ia lá, quando precisava discutir e discutia diretamente com ele, e ele estava indo para uma reunião no Rio Grande do Sul onde ele iria encontrar o pró-reitor de pós-graduação, que era o Silvio Coelho dos Santos, antropólogo bem conhecido, de Florianópolis. Eu falei com ele e disse desse meu desejo. E através, também de uma professora aqui, falei com o Silvio Coelho dos Santos, que havia um interesse, porque a essas alturas a gente já tinha feito um contato com a pós-graduação aqui e com o curso de Ciências Sociais aqui, e o Silvio Coelho dos Santos falou e solicitou: “Você não coloca à disposição a professora Ilse por dois anos para nós para ver como é que isso seja”. Aí o pró-reitor, eu já tinha terminado a coordenação da pós-graduação, então estava um pouco mais livre assim, ele concordou. E eu vim os dois primeiros anos para cá colocada à disposição, paga pelo Rio de Janeiro. Ainda como professora do Rio de Janeiro, mas colocada à disposição. Mas daí é que eu logo me integrei muito bem com o grupo, porque era esse grupo do Silvio, que aliás meu primeiro projeto foi um projeto sobre barragens e eu pegando a parte dos movimentos de barragem, que era coordenado pelo Silvio. Essa é uma outra história bem

interessante, porque a Eletrosul tinha que ter pessoas fazendo a pesquisa e chamou o Silvio Coelho dos Santos que chamou um grupo para negociar com a Eletrosul o projeto de pesquisa. E a gente foi lá: Maria José Reis, a Neusa Bloemer e outros colegas ainda, mas estou citando essas duas, que foi com quem eu trabalhei mais diretamente, depois, na questão dos movimentos de barragem, fizemos pesquisas juntas, e o Silvio. Quando fomos na Eletrosul nós nos assustamos com a proposta deles.

C.C. – Por que se assustaram?

I.W. – Porque a gente viu que, de fato, era uma forma de legitimar a construção da barragem e não de atender aos interesses mais diretos dos atingidos. Inclusive dos indígenas, porque o Silvio trabalhava com a população indígena. Então, havia também... No projeto, um grupo também trabalhou com a questão indígena. Daí convidamos a equipe técnica para um seminário grande e aberto. O seminário foi um conflito só, entre pessoas da universidade, que viam essa situação das barragens muito diferente, e a Eletrosul que dizia que alguém deveria pagar o preço. Que o progresso tem um preço, o desenvolvimento e que alguém vai pagar. Era um pouco nesses termos o discurso, sem legitimar nada sobre a remediação dos... Não, não dá. Daí pulamos fora e fomos fazer a pesquisa autonomamente com o Silvío e com esse grupo, e que foi minha retomada dos movimentos sociais. Daí, naquelas alturas já havia uma abertura maior e foi minha retomada dos movimentos sociais.

C.C. – Aí, você criou em 83 o Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais?

I.W. – Isso.

C.C.- Já na pós-graduação?

I.W. – Então, daí já comecei a oferecer disciplinas sobre movimentos sociais. Retomava, então... Aqui onde eu retomei as disciplinas sobre movimentos sociais. Não sei se em 81, o primeiro ano, já ofereci disciplinas em movimentos sociais, mas eu sei que logo em seguida, em 82, eu já tinha um grupo grande de alunos que já estava iniciando a fazer pesquisa em movimentos sociais no mestrado – que aquela vez já não tinha doutorado ainda – No mestrado, não todos sob a minha orientação, um ou outro sobre a minha orientação, mas com orientação de outros professores também. E esse grupo se entusiasmou muito com o estudo... Fez a minha disciplina e se entusiasmou, e queria ter uma continuidade. Eu disse: “Bom, então vamos”.

Conversamos, etc. Já estavam fazendo a pesquisa, eu disse: “Vamos criar um núcleo de pesquisa de movimentos sociais e vamos nos reunir regularmente para discutir os projetos de vocês”. E assim que se iniciou esse grupo aqui – era em uma outra sala, esse edifício nem existia – que a gente criou em 83 o Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais e que até hoje ainda está aí. É um dos grupos talvez até mais tradicionais sobre esse tema no Brasil.

C.C. – A década de oitenta também, eu me lembro bem como estudante, o tema dos movimentos sociais ficou muito em voga.

I.W. – Ficou.

C.C. – Junto com a... Pela democratização em parte, mas também por uma preocupação de fugir dos grandes esquemas analíticos e tal. Tinham coisas novas acontecendo, desde o novo sindicalismo, era o novo, tinha o novo...

I.W. – O novo tinha muito.

C.C. – Tinha tudo, depois as questões de gênero, as minorias. Foi uma década muito... Na História tinha a história dos vencidos, história... Foi muita efervescência, a meu ver, de novos atores, temas e tal.

I.W. – Efervescente, foi. Porque daí, ainda – ou já – aqui em Florianópolis, surgiu depois desses dois anos que eu fiquei colocada à disposição, surgiu a oportunidade, talvez até de forma um pouco prematura quase, de eu fazer um concurso para professor titular, porque abriram vagas - que essas vagas eram sempre tão raras de abrir – abriram um grupo de vagas para professor titular. E daí que eu fiz o meu primeiro trabalho que foi publicado em livro, que foi *Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica*, aonde começa o debate, recuperando os clássicos aí do marxismo dos movimentos sociais, e depois passo já para alguns autores mais contemporâneos dos movimentos sociais: Castoriadis, Laclau, e um pouco, no final, um último capítulo sobre a teologia da libertação na América Latina, como um novo enfoque sobre movimentos sociais. Esse foi, inclusive, o primeiro livro que eu publiquei como livro individual.

C.C. – O concurso para titular foi em que ano?

I.W. – Foi dois anos depois que eu estava aqui, então deve ter sido 80 e... Não, um pouquinho... Deve ter sido... Porque daí terminou. É deve ter sido... Em 81 eu vim, deve ter sido em 83. Porque daí terminou meu período de ser colocada...

C.C. – É, muito nova assim, antes dos 40 anos já era titular.

I.W. – Era muito nova mesmo, mas foi a oportunidade que surgiu e que eu fiz. E daí, de fato, a questão dos movimentos sociais, porque daí... Eu tive mais um filho, logo que eu cheguei engravidei de novo. [riso] Eu tive, mas daí quando eu tive... Porque nesse período, também, de maior repressão, eu não ia muito às reuniões fora, não viajava muito porque eu tinha dois filhos pequenos, tinham um ano e pouco de diferença, aí cheguei aqui e tive um *terceiro* – meio sem programar – daí eu disse: “Não, mas agora eu vou começar a participar mais”. Meu marido concordou com isso e comecei mesmo. Daí comecei, um pouco depois, a ir nos congressos, Anpocs não sei em que ano mesmo começou, não lembro, mas eu sei que comecei logo mais ou menos em seguida a ir para a Anpocs. A SBS é bem mais tarde, depois. Outras sociedades científicas, de outros anos até, depois a Associação da Antropologia também surge um pouquinho mais tarde. Mas foram vários espaços que foram se abrindo já com a.... E o estudo dos movimentos sociais começou a se consolidar como uma área forte dentro da... Depois houve um pouco um declínio, porque as pessoas, no momento de institucionalização da política no Brasil, a partir da abertura mesmo, começaram a se interessar muito mais a estudar a relação dos atores com... Os processos de institucionalização e a participação da sociedade civil nesses processos de institucionalização. Como a sociedade civil organizada começou a participar na política institucional. Muito das lideranças, inclusive, digamos assim, dos movimentos anteriores acabaram entrando na política institucional e isso se consolidou como uma nova área. E a dos movimentos sociais, em um determinado período, houve uma baixa. Acho que agora, não sei se você concorda

C.C. –Aqui o núcleo tem 30 e...

I.W. – 30 anos fez o ano passado, quando a gente fez um seminário especial de comemoração dos 30 anos do núcleo.

C.C. - Nesses trinta anos, quando você criou, qual é a diferença que, na sua experiência, em movimentos sociais, falar isso lá no início dos anos 80 e hoje em dia. Qual seria a diferença?

I.W. – Acho que uma diferença é isso: a gente tem, digamos assim, tanto professores como alunos que vão mais na via da análise dos movimentos sociais propriamente dito – eu acho que isto ainda tem uma certa diferença – e outros que vão mais para a análise da participação institucional. Esses dois grupos estão presentes. Apesar que a gente, em uma certa medida, tenta fazer um diálogo, às vezes. Eu trabalho muito com a Lígia, por exemplo. Tenho muitas coisas publicadas com ela, como vocês podem ver depois na bibliografia ali. A Lígia trabalha mais com a participação institucional e outros mais com movimentos sociais. Mas a gente se entende muito bem, consegue fazer coisas juntas, publicar coisas juntas, um pouco tentando fazer um diálogo entre essas duas perspectivas. Por outro lado, a gente reconhece também que tem um pouco essas duas tendências em termos de enfoque mais central na coisa. E, além disso, eu acho que os próprios movimentos que foram estudados... Se eu pego lá iniciando pelas barragens, que era algo muito forte naquele momento e ao lado da questão das barragens um outro movimento que era muito forte era o MST, que começou a surgir naquele momento e se colocou com muita força. Então eram movimentos rurais com muita força no cenário nacional e que foram objeto de muitos estudos. Mas também estava aparecendo, naquele momento, que isso já eu me lembro enquanto estava nos últimos tempos do Rio de Janeiro, que era a questão do gênero; movimentos sociais de gênero. Já era uma parte do debate muito forte. Então, já lá começou e aqui estava bem em efervescência a questão do gênero aqui. Tinha grupos dentro da universidade aqui, que eram muito ativistas do gênero e muitas, se você verificar lá tem uma estante ali com dissertações e teses, vocês vão encontrar muita coisa sobre gênero.

C.C. – Gênero, a impressão que tem, é que ele se autonomizou com grupos e estudos de gênero, não tanto movimentos sociais em geral.

I.W. – Isso. Isso é verdade. E até tem um grupo aqui de estudos de gênero de fato, mas nem por isso eles apareciam...

C.C. – Sim, o da Miriam.

I.W. – Isso, o da Miriam Grossi.

C.C. – Eu entrevistei também.

I.W. – Ah, você entrevistou? Que agora fez o concurso, de uma forma diferente, eu até coordenei a banca desse concurso de titular. Ela fez e é uma grande referência, nacional e

internacional, nesses estudos de gênero. Mas a gente... Claro, eles têm também um grupo especializado em gênero, mas nem por isso ele desapareceu das pesquisas do núcleo, a questão de gênero e mulher sempre está presente. Inclusive, a última que foi, agora, defendida no final do ano passado, que eu orientei, era sobre a questão da comunicação, do jornalismo principalmente, e a questão do gênero, como se coloca o gênero nas comunicações, no jornalismo, em outras esferas. Ele nunca desapareceu daqui. Sempre ficou também nessa dimensão mais de análise enquanto movimento social. Nunca desapareceu daqui. Aí cresceu bastante a questão das teses e dissertações sobre a questão da participação política, mas muitas vezes há esse encontro. Agora, inclusive, a última, que foi uma tese orientada pela Lígia, eu estive na banca da tese da Domitila, que ela fez um estudo sobre a Secretaria Geral da Presidência da República e todos os ramos que dialogam com essa secretaria e também o diálogo com os movimentos sociais. Uma tese que eu achei bem interessante, até porque eu também já estive na Secretaria Geral da Presidência da República, em eventos lá, então achei uma tese bem interessante. Mas ainda, tentando recuperar um pouco naquele tempo, outra temática que vem muita força era a questão da ecologia. O Viola, o Héctor Leis e outras pessoas, que trabalhavam nessa área, eram parte desse núcleo também. Em relação à ecologia a gente não tem jamais um grupo tão forte aqui dentro. De vez em quando aparece alguma dissertação ou tese que vai nessa direção, mas eu acho que foi um grupo que não continuou com a mesma força. Até porque esses professores criaram uma referência muito forte, acabaram... O Viola foi para Brasília depois e o Héctor faleceu, não sei se você sabe. Recentemente ele faleceu. Já estava afastado antes. Mas tem toda uma trajetória dos novos movimentos sociais que você falou. Daí quando o Paulo Krischke veio para cá. Porque os novos movimentos sociais, quando eu estudei na França, ainda não se falava nesse termo: novos movimentos sociais. É algo que apareceu depois, justamente com esses novos: a questão da ecologia, do gênero, a questão racial também que veio um pouquinho mais tarde, com mais força, sexualidade, tudo isso que foi aparecendo no cenário. Então, quando é que foi? A primeira vez que eu fui para a Anpocs eu apresentei um trabalho sobre os novos movimentos sociais, um pouco tentando teorizar sobre isso e dentro da pós era uma novidade ainda. Não tinha... Tanto que eu acho que fui logo aceita pelo grupo de movimentos sociais, era minha primeira vez que eu ia, porque eu estava trazendo alguma coisa que estava bem emergente nos estudos dos movimentos sociais no Brasil. Um pouco depois, Paulo Krischke veio para Florianópolis e o Eduardo Viola, que estava fazendo um pós-doc nos Estados Unidos, voltou

nesse mesmo tempo. Então nós três nos encontramos e o mais interessante que quando o Viola voltou eu disse para ele: “Acabei de fazer um texto sobre os novos movimentos sociais” e ele me disse “Eu também”. Uma coincidência... Ok, uma coincidência que se entende porque era algo que estava na agenda naquele momento. E o Paulo Krischke veio e disse: “Olha, eu estou interessado nisso, eu tenho um texto. Vamos fazer um livro?”. E a gente fez um livro: *Uma revolução no cotidiano: os novos movimentos sociais na América Latina*. É esse o título do livro. Foi um livro que circulou internacionalmente até. Boaventura cita o livro, pessoas bastante.... Que circulou, que em certo sentido deu uma projeção. Aliás quando eu cheguei, quando eu fui fazer um pós-doc na Inglaterra eu cheguei lá, não tinha recebido o livro ainda em mãos aqui em Florianópolis, eu cheguei na Inglaterra e encontrei o livro já na estante lá da universidade. [risos]

C.C. – Você foi para Londres?

I.W. – Eu fui para Londres, fiz um pós-doc em Londres.

C.C. – O Bob teve influência nisso? De fazer um ano em Londres? [risos]

I.W. – Teve. Eu ia para os Estados Unidos, para a Califórnia, já tinha sido aceita lá e tudo. Daí o Bob disse assim: “As crianças não conhecem a família, não sei o quê, pa pa pá”. Eu disse assim: “Vamos ver se eu consigo então transferir para a Universidade de Londres”. E eu consegui transferir, a bolsa foi transferida, eu consegui fazer isso e eu fui para Londres para que os três filhos, nessa altura eu já tinha os três, conhecessem. E foi uma coisa muito...

C.C. – Mas eles eram pequenos? Qual a idade deles?

I.W. – O menor tinha quatro anos, o outro nove, dez anos. Foram para a escola inglesa. Como resultado meu filho mais velho mora lá agora. [risos] É isso. Mas foi muito bom.

C.C. – Só de curiosidade: e aqui vocês encontraram a vida mais tranquila do que no Rio?

I.W. – Sim.

C.C. – Vocês moravam onde no Rio, em que bairro?

I.W. – Botafogo, que era um bom bairro. Bem do lado da Casa de Rui Barbosa, que era o jardim dos meus dois filhos mais velhos, que iam todas as tardes, enquanto eu trabalhava, com uma *babysitter* enquanto eu trabalhava, que eu já usava o sistema de...

C.C. – Iam para o jardim da Casa de Rui.

I.W. – Que era o jardim. O edifício ao lado ali da Casa de Rui Barbosa, onde eu morava.

C.C. – Uma região tranquila de Botafogo.

I.W. – Em certo sentido era tranquila. Mas foi bom esse pós-doutorado na Inglaterra. Depois, mais recentemente, eu fui de novo para um outro período para a Inglaterra.

C.C. – Bom, nesse período também, pelo seu currículo, não sei se estão todas as orientações, mas tem mais de 50 orientações juntando mestrado e doutorado. E como é essa experiência de orientadora para você?

I.W. – Tem, tem mais de 5^o orientações. Eu acho que faz parte do trabalho. Eu ainda estou orientando, apesar de agora estar só como aquela posição que chamam de voluntária, mas que eu estou fazendo...

C.C. – Você aposentou em...?

I.W. – Sim, o ano passado já. Foi quando eu completei 70 anos. Daí, eu ainda tenho orientação, tenho duas de doutorado e mais duas de mestrado encaminhadas ainda. Não estou aceitando muitas orientações agora, mas até porque eu já não... Nesse período, pelo menos, eu não estou dando aula. Pelo menos estou tirando as férias de dar aula, mas estou trabalhando em pesquisa. Porque tem um projeto agora, que é um projeto que eu já iniciei alguns anos atrás, que é sobre a questão das ações afirmativas na universidade. Eu estou estudando muito essa relação dos alunos cotistas e não cotistas na universidade, o papel dos movimentos sociais nessa relação e na implantação desse projeto de ações afirmativas na universidade. Então um pouco nessa direção. A gente está fazendo o trabalho de pesquisas sobre a Universidade Federal de Santa Catarina. Mas sempre também eu estou orientando algumas pesquisas que vão nessa direção. Mas também estou ainda orientando outras pesquisas mais gerais. Uma ainda agora que, aliás duas até, se bem que retoma a questão do movimento de barragens, inclusive. Mas também

pesquisas que tratam da questão étnica-racial, que agora é um tema que me interessa bastante, mais recentemente.

C.C. – Agora, o tema da sociologia rural ficou bem menos forte, não, nos últimos tempos?

I.W. – Ficou.

C.C. – Eu lembro que na época tinha disciplina de campesinato, movimentos sociais agrários, alguma coisa assim e tal, que depois foi diminuindo. Qualquer transformação do campo, que se fala muito no Brasil.

I.W. – Exato, tem isso também. Porque a população, se eu penso no início da minha carreira lá, era..., não sei bem quanto, mas era quase 50%. Hoje o que é que é o campo? Não sei se dá 30%, acho que nem dá - 20 e pouco eu acho talvez. Então tem isso também, porque está muito mais... O campo e está muito mais modernizado também.

C.C. - Agronegócio.

I.W. – Eu acho que até tem surgido alguns novos cenários de extrema exclusão social que estão sendo estudados, como a questão dos quilombolas, os indígenas. Então são novos cenários... Novos nada, os mais antigos de todos, mas, digamos, como cenários de visibilidade política. São novos cenários de visibilidade política. Porque esses eram os mais invisíveis de todos. Então que estão sendo retomados muito em cima da questão étnico-racial realmente. O próprio MST, que foi objeto de não sei quantas teses e dissertações de mestrado e trabalhos, *muito* forte, já não é tão forte, digamos, o olhar em relação ao MST, que já saiu um pouco. E eu acho que outra coisa, assim, que... Isso me incomoda um pouco. Me incomoda? Me incomoda no sentido de que eu gostaria que fosse diferente, se eu fosse mudar alguma coisa. Porque há uma separação tão grande entre a sociologia dos movimentos sociais rurais e urbanos. Eu sempre atravessei essas duas fronteiras e eu acho que teria sido um diálogo muito proveitoso se tivesse continuado, eu acho, esse diálogo. Porque ele também não é... Principalmente porque o mundo se torna cada vez mais urbanizado, digamos, e eu acho que esse diálogo entre esses dois, pelo menos no campo dos movimentos sociais, mais profundo, digamos, porque se você ver nos encontros, etc., tem um grupo que vai trabalhar os movimentos sociais rurais e outro os movimentos sociais urbanos. Às vezes se encontram, mas não tão frequentemente.

C.C. – Agora, qual você acha que foi – pergunta de leigo, porque, como eu disse, não é a minha área –, principalmente do governo Lula em diante houve uma grande incorporação à política institucional de lideranças que eram dos movimentos sociais. E como é que isso afeta ou afetou a área de estudos de movimentos sociais?

I.W. – Acho que afetou justamente que muitas pessoas que estavam lá estudando movimentos sociais passaram a estudar participação institucional, até porque os seus atores já estavam em outro terreno. Muitos, até intelectuais também, que estudavam movimentos sociais e que foram participar da política institucional. Não é só no campo dos atores de movimentos sociais, que talvez não foram tantos, mas tiveram uma participação diferenciada a partir do governo Lula, porque houve uma abertura maior.

C.C. – E também acadêmicos, pessoas que saíram da universidade e foram para esses espaços.

I.W. – Isso, para esses espaços. Então, de fato, eu acho que há uma passagem muito forte dos estudos propriamente dos movimentos sociais para os estudos da participação institucional. Agora novamente também... Daí são coisas da academia que eu acho às vezes um pouco complicadas. Eu acho que mesmo que houve essa passagem, esses dois campos estão relacionados e que deveria ter um debate não concentrado em um campo e no outro campo, o que ocorre às vezes um pouco, mas estabelecer um diálogo entre esses dois campos. Até porque são as mesmas pessoas que, às vezes, estão nesses dois campos. Eu acho que seria muito interessante se o diálogo... É o que a gente tenta fazer em certa medida aqui, mas ao mesmo tempo se reconhece que há uma certa concentração temática em um enfoque ou no outro enfoque, e eu acho que eles se complementam. Acho que não deveria ter essa separação. A gente tenta aqui no núcleo justamente, talvez, continuar com essa possibilidade do diálogo entre esses dois enfoques.

C.C. – Muito bem, eu acho que a gente cobriu a sua trajetória. Não sei se tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar ou que eu pulei, mas eu acho que foi bem abrangente.

I.W. – Talvez assim, dentro dessa... Só para acrescentar, para fechar também, claro que, você pode ver, houve vários momentos que correspondem eu acho, da minha trajetória, não consigo desvincular a minha trajetória, por um lado a um debate acadêmico que há e que vai crescendo e que vai influenciando a gente, e por outro lado, em uma outra direção, uma própria

transformação que há nos movimentos sociais e que a gente tenta ir acompanhando também. Coisas novas, não é? Então, em termos do debate acadêmico, eu acho que eu colocaria, assim, em termos muito gerais, teve num primeiro momento eu acho a questão da própria ideia, o conceito de movimentos sociais, que eu trouxe isso muito lá do Touraine, porque ele trabalhou muito com esse conceito. O que é movimentos sociais para diferenciar um pouco dos estudos de classes sociais propriamente dito só como um tipo de movimento. Porque a classe se definia com um movimento que tinha uma questão central, que era a questão das relações de classe, e os outros ficavam um pouco apagados. Bom, dessa trajetória do novo conceito de movimentos sociais, surge depois a própria ideia dos novos movimentos sociais, que a gente tentou também acompanhar e trabalhar sobre isso. Há vários desdobramentos aí, não só dos diferentes movimentos sociais que vão sendo colocados em cena, o que a gente já falou, como também... – e, portanto, novos enfoques, que alguns, inclusive, se separaram depois do trabalho mais geral dos movimentos sociais – mas também de outras, digamos assim, em temas que vão se aprofundando, como a questão do multiculturalismo, ou interculturalidade, que teve um enfoque importante. Depois eu acho que entram os estudos pós-coloniais também, que é um outro momento, que já vai se relacionando com a questão racial e outras formas de exclusão social: a questão do negro na América Latina, dos indígenas. Então eu acho que existem várias etapas, não só das teorias que vão se modificando, que vão acompanhando, mas também de novos temas que vão sendo colocados como temas interessantes para estudos naquele momento. No caso do Brasil, a gente teve toda a questão das ações afirmativas e eu acho que um crescimento do movimento negro e até do movimento indígena também, que abriu um novo campo de estudos também e é o que a gente está fazendo um pouco agora. As relações étnico-raciais nas universidades, o que é isso? Isso é dentro de um novo momento, que ao mesmo tempo é um novo momento para se repensar as teorias, mas um novo movimento da nossa história da inclusão social no Brasil, ou da exclusão versus a inclusão. Acho que é isso.

C.C. – Muito bem. Ah, tem uma pergunta que a gente sempre costuma fazer, mais de curiosidade. Se te pedir para destacar, assim, um livro que tenha sido particularmente importante. O que te vem à mente, que você leu na sua trajetória que “nossa isso...”? Tem algum que você destacaria?

I.W. – Ai, isso é difícil, não é? Eu acho, eu não sei se é *um* livro, mas eu acho que a produção do próprio Touraine, que foi o meu orientador de doutorado, ela foi bastante importante na

minha vida. Eu destacaria, mas, claro, daí tem *A produção da sociedade* depois tem vários livros, inclusive os que ele escreveu sobre a América Latina. Mas, ao mesmo tempo, eu digo que eu nunca segui rigidamente as orientações de Touraine, nunca. Ele foi um inspirador, mas eu nunca uso o modelo de Touraine. Não aconteceu isso. Porque daí tem muitas outras influências que entravam aí, etc., que eu tentei um pouco construir uma forma de interpretar a realidade a partir de uma combinação de vários autores. Mas eu destacaria não um livro, mas eu destacaria de qualquer maneira o Touraine. Ele impactou bastante a minha vida. Eu tenho muito respeito por ele, até pelo respeito que ele tem da gente ter liberdade de não ter que seguir o caminho exclusivo do que ele pensa ser a teoria dos movimentos sociais, mas de uma abertura para um diálogo. Então, nesse sentido eu acho que sempre foi uma pessoa assim que, não só como pessoa, mas como teórico também, que eu destacaria.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

I.W. – Algo que aconteceu bem recente e que me deixou muito feliz, é de eu ter sido homenageada pela Sociedade Brasileira de Sociologia. A cada dois anos, em um congresso, eles homenageiam duas pessoas. Foi semana passada, eu acabo de vir...

C.C. – Porto Alegre, não é?

I.W. – Porto Alegre. E as homenageadas foram a Heloísa Martins e eu. E foi um momento muito emocionante, que eu vou sempre lembrar na minha carreira que foi, claro, uma apresentação... [Inaudível], Marcelo e Lígia que organizam essa apresentação e que foi para mim bastante emocionante como eles fizeram o recorte da homenagem, como a gente já havia falado. E eu diria que foi um momento muito gratificante. Se você tem uma carreira toda e... Chama-se prêmio Florestan Fernandes, mais isso ainda... Que é muito legal ter um prêmio Florestan Fernandes que era uma pessoa que eu também sempre tive grande respeito e grande admiração. Alguém que, digamos assim, me ensinou muito também no início da minha carreira. Uma pessoa muito consultada, que me ensinou muito. Eu gosto muito do Florestan Fernandes. Então receber esse prêmio foi uma grande alegria para mim. E eu queria deixar registrado aqui, porque a coisa está... Não tinha...

C.C. – Ótimo! Parabéns! Foi agora, não é?

I.W. – Semana passada, há alguns dias. É uma coisa que ainda está muito presente também, por isso que eu resolvi deixar registrado.

[FIM DE DEPOIMENTO]